

Ricardo Ferreira de Almeida

Artaud e o Seu Duplo



artaud e o seu duplo

ricardo ferreira de almeida



Personagens

ANTONIN ARTAUD

DOUTOR FERDIERE

Tempo da acção

1943/1946 Pós II Guerra Mundial

*A 11 de Fevereiro de 1943, Antonin Artaud é admitido no Hospital Psiquiátrico de Rodez, extremamente magro, sujo, desdentado e saído de uma sucessão errante de internamentos que durante seis anos o conduziram de Rouen a Sainte-Anne, em Paris. Os seus amigos surrealistas Robert Desnos e Paul Eluard, confiaram-no ao doutor Gaston Ferdière. Este psiquiatra, próximos dos surrealistas e director do Hospital Psiquiátrico, acolheu Artaud, ministrando-lhe uma série de choques eléctricos, prática conhecida por terapia electroconvulsiva. A peça **Artaud e o seu duplo** dá uma visão dos anos vividos por Antonin em Rodez, recuperando algumas das suas cartas e textos originais e estreou em Vila Real pela mão da A TROUXA MOUXA TEATRO, com Tiago Pires como Artaud e Gilmar Albuquerque como Ferdiere. A encenação foi de Marlene Castro.*

1.

ARTAUD

São quase quatro da manhã e não consigo dormir! Deve ser da mudança de hora... e desta chuva teimosa e incansável... ping ping ping... estou farto! Com esta idade sinto-me só, profundamente só, e aquela esperança que tinha aos dez anos de idade, esfumou-se. Não me lembro de me ter visto assim, sonâmbulo. Será que são lombrigas? Excesso de alguma coisa? Ou a alma que se vai recompondo e formulando novos presságios: estarei careca aos 50 anos? (*silêncio*) O acaso das horas transmite tão facilmente as horas... e é a prova que a magia é real. Quando tinha dez anos de idade, tinha os olhos azuis e sabia o que era o azul. Sabia o que havia nas mãos dos pobres e sentia cada vértebra estalar quando esticava o pescoço para perceber o número de pássaros pendurados nas mansardas. Tinha mais que um pescoço para olhar para trás e ficar aceso com os olhos em água. Dantes eu sabia que deitar as palavras ao chão era incriminar as tentativas de viver e só isso bastava para que os peixes apanhassem um nome que eu lhes punha. Jogava ao berlinde e sentia o sol a saber a cerejas. Bronzeava-me com lençóis, chuva e malmequeres. Agora, estou despojado de tudo. De ninfas na cerveja, do onírico respirar da plateia. Um homem repleto de nada. Descoberto como um caracol à geadá.

FERDIERE (*entrando*)

Bom dia! Como se sente hoje?

ARTAUD

Descoberto, como um caracol na geadá.

FERDIERE

Tem frio?

ARTAUD

Sim, bastante.

FERDIERE

Podemos resolver isso de imediato. Quer que mande aumentar a temperatura do quarto?

ARTAUD

Não é necessário, obrigado.

FERDIERE

Talvez mais um cobertor?

ARTAUD

Não é necessário, obrigado.

FERDIERE

Mas não sente frio?

ARTAUD

Não é esse frio a que me refiro.

FERDIERE

É aquele ao qual eu me refiro?

ARTAUD

Não. É um frio cultural.

FERDIERE

Sente-se desenraizado? Não podemos trazer para cá ninguém da sua família ou algum dos seus amigos. Vai ter de se habituar a viver assim, nestas condições.

ARTAUD

Não me refiro à minha família quando digo que sinto frio. Ela pouco pode fazer em relação a isso.

FERDIERE

Então, temo que não o tenha estado a perceber desde o início. Explique-se melhor, se puder.

ARTAUD

Sinto frio, e isso não passa apenas pelo mau estar físico. Prolonga-se ao resto do corpo, penetra as entranhas e atinge a alma. Se acaso ainda a tiver.

FERDIERE

É uma certeza ou apenas uma desconfiança?

ARTAUD

É uma forma que encontrei para mim próprio para explicar e aguentar este desterro forçado.

FERDIERE

Tem consciência daquilo que está a dizer?

ARTAUD

Sim, perfeitamente. Já perguntou a um prisioneiro se gosta de estar na sua cela? Pergunte-lhe e verá! Aposto que não... mas é uma suspeita, apenas e nada mais...

FERDIERE

Não tenha assim tanta certeza disso. Tem escrito?

ARTAUD

Pouco.

FERDIERE

O que é que tínhamos combinado? Esqueceu-se...

ARTAUD

Não preciso escrever, tenho tudo na cabeça.

FERDIERE

Pois, ainda bem. Mas não perca isso, escreva.

ARTAUD

Não perco. Só se me arrancarem a cabeça.

FERDIERE

Ainda à volta do teatro?

ARTAUD

Sim.

FERDIERE

O quê?

ARTAUD

Pensei num manifesto.

FERDIERE

Costumam ser interessantes.

ARTAUD

Alguns.

FERDIERE

Diga-me, considera o seu manifesto interessante?

ARTAUD

Considero-o um protesto.

FERDIERE

Um protesto... Contra quem?

ARTAUD

Um protesto contra uma concepção de cultura distinta da vida, como se de um lado estivesse a cultura e do outro a vida. Como se a verdadeira cultura não fosse um meio sublimado de compreender e exercer a vida.

FERDIERE

Complementam-se uma à outra, quer dizer?

ARTAUD

Sim.

FERDIERE

Tem andado a pensar muito nisso?

ARTAUD

Sim.

FERDIERE

E em teatro, simultaneamente?

ARTAUD

O teatro é como a peste. É um delírio comunicativo. Não consigo fugir dele.

FERDIERE

Gosto muito de o ouvir falar sobre teatro, e concordo em parte com as suas concepções de popularização da cultura.

ARTAUD

Desculpe-me, mas está errado. Não falei em popularização da cultura mas sim na percepção que a cultura deve ser ela própria arte.

FERDIERE

Para muitos é impossível.

ARTAUD

Para muitos a impossibilidade é arte. Não ter o que se quer pode desembocar numa obra de arte. A ausência e a sua consciência podem ser arte.

FERIDERE

A consciência da ausência poderá ser arte, mas quando se populariza a arte em demasia, não se corre do risco dela ser canibalizada pelo povo?

ARTAUD

O povo precisa de comer, tanto a arte como sopa. Se uma alimenta a outra educa. São dois géneros de alimento para a alma.

FERDIERE

Não está mal pensado. Quando sair daqui poderá, melhor que ninguém, aplicar na prática tudo aquilo que defende.

ARTAUD

Há alguma esperança em sair daqui?

FERDIERE

Isso apenas depende de si. O que quer fazer?

ARTAUD

Em relação à minha presença neste hospital?

FERDIERE

Sim.

ARTAUD

Quero sair.

FERDIERE

(rindo) Sente-se mal em Rodez, então?

ARTAUD

Eu sinto-me ótimo. Mas você é que não acha que me sinto assim e não assina os malditos papéis para que eu possa ir embora daqui. Eu sinto-me melhor, se quer saber.

FERDIERE

Pois claro...

ARTAUD

Pois claro... diz sempre isso... gostava que assumisse tudo o que me está a fazer!

FERDIERE

Seja mais concreto por favor.

ARTAUD

Seja mais concreto, seja mais concreto... sempre a mesma coisa... ser mais concreto...

FERDIERE

Custa-lhe ser mais concreto, só um bocadinho mais?

ARTAUD

Você é um dos responsáveis por isto tudo! Entrou na engrenagem da maquinação da minha suposta loucura. Eu não sou louco! Já o disse milhares de vezes a tantos outros como você que me confundiram com um louco. Eu não o sou! Eu não sou o louco que procuram!

FERDIERE

Sim, você não é louco... pode estar um pouco perturbado com tudo o que lhe aconteceu nestes últimos anos, mas tenho me esforçado por provar a sua sanidade. Veja só. Quando cá

chegou, a 11 de Fevereiro de 1943, pesava 55 quilos, estava desdentado, sujo e hirsuto. Veja como engordou e como está. Você vai melhorar!

ARTAUD

Como choques eléctricos? Diga-me como é que hei-de melhorar com choques eléctricos? Repare na minha mão. Conseguia mexe-la de trás para a frente, girava-a sobre o pulso. Como esta. Está morta graças aos choques eléctricos dados por si!

FERDIERE

Você mostrava evidentes sintomas de delírio.

ARTAUD

Como chegou a essa conclusão?

FERDIERE

Analisando tudo aquilo que escrevia.

ARTAUD

Aquilo que você me incentivava a escrever!

FERDIERE

Sim. Eu incentivava-o a escrever. Mas de um pedaço da sua arte evoluiu para um campo de delírio que me cabia mitigar. Lembra-se disso?

ARTAUD

Não me consigo lembrar de nada. Fiquei apenas com este corpo, esta mão doente... a perder cabelo e a memória... mas continuo saudável... e você é o único que não quer ver que eu melhorei!

FERDIERE

Digamos que as últimas indicações são positivas... mas não quero com isto dizer que esteja completamente recuperado. Não está.

ARTAUD

Mas posso vir a estar e voltar ao princípio, recomeçar tudo de novo no teatro. O teatro é o lugar onde se refaz a vida, ouça bem isto. E depois eu irei dizer-lhe quem é que está louco!

FERDIERE

Gosto de o ver falar assim.

ARTAUD

Não seja cínico. Estou farto disso. Da sua hipocrisia, da forma como tolera aquilo que eu digo e penso. Está a roubar tudo para si!

FERDIERE

Não roubo nada para mim e muito menos estou a ser cínico. Gosto que escreva.

ARTAUD

Para depois encontrar em cada figura, em cada metáfora, em cada letra de cada palavra um pedaço da minha loucura? Não. Prefiro estar calado... Além disso, desconfio que você usa as minhas coisas em proveito próprio.

FERDIERE

Como é capaz de dizer uma coisa dessas? Eu sou o clínico responsável por si.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

